**CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS LTDA**

**CENTRO UNIVESITÁRIO DE PATOS – UNIFIP**

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS**

# LIMITAÇÕES DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA NEURAL NA LITERATURA GÓTICA: DESAFIOS DA FIDELIDADE SEMÂNTICA E DA MANUTENÇÃO DA ATMOSFERA EM EDGAR ALLAN POE

TALITA SABRINA MARQUES SANTOS

PATOS–PB

2026.1

TALITA SABRINA MARQUES SANTOS

# LIMITAÇÕES DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA NEURAL NA LITERATURA GÓTICA: DESAFIOS DA FIDELIDADE SEMÂNTICA E DA MANUTENÇÃO DA ATMOSFERA EM EDGAR ALLAN POE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação de TCC do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras – Português e Inglês.

Orientador: Prof. Me. Daniel Leite da Silva Justino.

PATOS-PB

2026.1

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

Santos, Talita Sabrina Marques.
S237l Limitações da Tradução Automática Neural na Literatura Gótica: desafios da fidelidade semântica e da manutenção da atmosfera em Edgar Allan Poe. / Talita Sabrina Marques Santos. – Patos – PB: UNIFIP, 2026.
29 fls.

Orientador (a): Prof. Me. Daniel Leite da Silva Justino.
Artigo, Graduação Licenciatura em Letras – Português/Inglês.

1. Tradução automática. 2. Inteligência artificial. 3. Edgar Allan Poe. 4. O Corvo. 5. Função poética. I. Título. II. Centro Universitário - UNIFIP

UNIFIP/BC CDU: 80
Yasmim Caroline A. Nóbrega – Bibliotecária. CRB 15/1086

**LIMITAÇÕES DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA NEURAL NA LITERATURA GÓTICA: DESAFIOS DA FIDELIDADE SEMÂNTICA E DA MANUTENÇÃO DA ATMOSFERA EM EDGAR ALLAN POE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação de TCC do Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras – Português e Inglês.

**Orientador:** Prof. Me. Daniel Leite da Silva Justino

**DATA DE APROVAÇÃO:** 29 / 05 / 2026

**BANCA EXAMINADORA:**

gov.br Documento assinado digitalmente
DANIEL LEITE DA SILVA JUSTINO
Data: 05/06/2026 19:10:41-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Daniel Leite da Silva Justino
Centro Universitário de Patos – UNIFIP
(Orientador)

gov.br Documento assinado digitalmente
INALDO DE OLIVEIRA TORRES FILHO
Data: 05/06/2026 19:06:28-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Esp. Inaldo de Oliveira Torres Filho
Centro Universitário de Patos – UNIFIP
(Membro interno)

gov.br Documento assinado digitalmente
KELSON BARBOSA FERREIRA
Data: 04/06/2026 17:02:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Esp. Kelson Barbosa Ferreira
Secretaria Estadual de Educação da Paraíba - SEEPB
(Membro externo)

Àqueles que foram solo antes de eu ser semente. À minha família, por serem o cais e o horizonte, e a Deus, pela força invisível que sustentou cada passo. Esta conquista é o reflexo do amor de vocês.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus, a força invisível que me sustentou nos dias de silêncio e me deu clareza quando os caminhos pareciam nebulosos, sendo o amparo necessário para que eu não desanimasse diante de cada desafio desta jornada. Ao olhar para este trabalho finalizado, é impossível não mergulhar em uma profunda reflexão sobre a trajetória que me trouxe até aqui, pois este TCC não é apenas um acúmulo de páginas acadêmicas, mas o registro de todas as mudanças que enfrentei para me tornar quem sou hoje. Cada parágrafo carrega um pouco da maturidade que conquistei e das renúncias que fiz ao longo desses anos.

À minha mãe, dedico o meu agradecimento mais profundo e emocionado, por ser a pessoa que nunca, em momento algum, desistiu de mim; nos dias em que a insegurança me vencia e eu não acreditava no meu próprio potencial, era o seu apoio incondicional que me mantinha de pé. Ao meu pai, agradeço por ter sido presença e auxílio, estendendo as mãos nos momentos de maior necessidade e permitindo que eu seguisse com a tranquilidade de saber que não estava sozinha. À minha irmã, minha companheira de vida, agradeço por tudo, pois sei que sem ela eu não estaria aqui escrevendo estas linhas, assim como agradeço aos meus avós maternos, que são as raízes de onde extraio minha força e minha maior inspiração de determinação. Ao meu primo, agradeço por personificar o cuidado em gestos concretos, buscando-me tantas vezes tarde da noite na faculdade, mesmo sob chuva e cansaço, garantindo sempre o meu retorno em segurança.

Agradeço imensamente a quem, mesmo de longe, fez-se presente em todos os minutos. Aos meus amigos, que o curso transformou em família, agradeço por cada peculiaridade que tornou o cotidiano mais rico, especialmente ao Gugu, que esteve comigo desde o primeiríssimo dia dividindo cada incerteza. Ao meu grupo de amigos, que a vida e o tempo transformaram, agradeço imensamente ao Rian e à Amanda por tornarem este caminho mais leve e engraçado. Por fim, expresso minha gratidão a todos que me apoiaram, aos professores pelos ensinamentos valiosos e ao meu orientador, pela presença e condução fundamental nesta pesquisa. A todos vocês, o meu muitíssimo obrigado.

**RESUMO**

Este artigo analisa as limitações da Inteligência Artificial na tradução poética, utilizando como objeto de estudo o poema The Raven, de Edgar Allan Poe. O estudo parte do problema de como a rigidez dos algoritmos de tradução automática lida com a maleabilidade e a profundidade da linguagem literária. Assim, o trabalho objetiva contrastar a lógica algorítmica das ferramentas com a sensibilidade estética humana. A metodologia consiste em uma análise qualitativa comparativa entre versões geradas por modelos de linguagem (ChatGPT e Bing) e traduções consagradas de Machado de Assis e Fernando Pessoa. Os resultados demonstram que a tecnologia, embora eficiente na tradução denotativa, falha ao transpor o ritmo trocaico e a unidade de efeito sonora planejada por Poe. Conclui-se que a inteligência artificial prioriza a equivalência estatística em detrimento da função poética, reafirmando a tradução literária como um domínio da subjetividade humana onde o cálculo matemático das máquinas encontra seu limite.

**Palavras-chave:** Tradução Automática. Inteligência Artificial. Edgar Allan Poe. O Corvo. Função Poética.

**ABSTRACT**

This article analyzes the limitations of Artificial Intelligence in poetic translation, using Edgar Allan Poe's poem The Raven as the object of study. The research stems from the problem of how the rigidity of machine translation algorithms deals with the malleability and depth of literary language. Thus, the study aims to contrast the algorithmic logic of automated tools with human aesthetic sensitivity. The methodology consists of a comparative qualitative analysis between versions generated by large language models (ChatGPT and Bing) and acclaimed translations by Machado de Assis and Fernando Pessoa. The results demonstrate that technology, while efficient in denotative translation, fails to transpose the trochaic meter and the unity of effect regarding sound planned by Poe. It is concluded that artificial intelligence prioritizes statistical equivalence over poetic function, reaffirming literary translation as a domain of human subjectivity where the mathematical calculation of machines reaches its limit.

**Keywords:** Machine Translation. Artificial Intelligence. Edgar Allan Poe. The Raven. Poetic Function.

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO. ..... 10**

**2 A FUNÇÃO POÉTICA ..... 11**

**3 ISOCRONIAS EM CONFLITO: OS LIMITES FONÉTICOS E RÍTMICOS NA TRADUÇÃO DE POE ..... 16**

**4 O CONFRONTO ENTRE A RECRIAÇÃO HUMANA E A PREDIÇÃO ALGORÍTMICA ..... 20**

4.1 A ARQUITETURA DA PRIMEIRA ESTROFE..... 21

4.2. SONORIDADE VS. LITERALIDADE..... 22

4.3. O REFRÃO COMO RESISTÊNCIA HUMANA VS. AUTOMAÇÃO .....24

**CONSIDERAÇÕES .....26**

**REFERÊNCIAS .....28**

## 1. INTRODUÇÃO

A tradução sempre foi uma ponte entre culturas, mas o avanço acelerado da Inteligência Artificial (IA) está transformando esse caminho. Se, por um lado, a Tradução Automática (TA) democratizou o acesso a textos técnicos e cotidianos, por outro, ela revela limitações severas quando o objeto é a arte e a literatura. Traduzir um poema não consiste apenas em trocar vocábulos; é transpor subjetividades e estética, elementos que, frequentemente, escapam aos algoritmos baseados em probabilidades. O desafio central deste estudo reside na tensão entre a precisão denotativa da máquina e a riqueza conotativa da poesia. Como aponta Caseli (2017), mesmo com os progressos dos modelos neurais, a TA ainda apresenta falhas em textos que exigem criatividade, conhecimento de mundo e carga emocional. Enquanto ferramentas como o Google Tradutor ou o *ChatGPT* buscam a eficácia comunicativa, a maioria das poesias dependem de métrica, rima e aliteração para sua plena existência. Na tradução automática, nuances culturais e expressões idiomáticas costumam ser as primeiras sacrificadas, resultando em versões empobrecidas e desprovidas da musicalidade original.

Para explorar esse fenômeno, justifica-se como objeto de estudo o poema *The Raven* (1845), de Edgar Allan Poe. A obra constitui um caso de teste ideal: no ensaio *A Filosofia da Composição*, Poe detalha como cada som foi planejado para gerar um efeito emocional específico. Assim, o refrão *"Nevermore"* e a estrutura trocaica (um tipo de ritmo poético) servem como o limite rigoroso para testar a tecnologia.

A metodologia deste artigo baseia-se em uma análise qualitativa e comparativa, na qual se comparam os resultados das ferramentas automáticas com traduções humanas consagradas, como as de Fernando Pessoa e Machado de Assis. O objetivo central é investigar até que ponto a tecnologia atual consegue mimetizar a musicalidade do texto e quais são os principais déficits interpretativos que surgem quando a tradução é mediada pela lógica digital. Para tanto, questiona-se a suficiência do comando (*prompt*) inicializado no sistema, bem como a necessidade de uma releitura humana pós-tradução para a reestruturação dos aspectos estéticos da obra.

Para fins de organização, o desenvolvimento da pesquisa está estruturado em três partes. A primeira aborda a fundamentação teórica, discutindo os avanços e as limitações da Tradução Automática frente à complexidade, subjetividade e estética da tradução literária. A segunda dedica-se ao objeto de estudo, detalhando a rigorosa composição métrica e sonora de *The Raven*, além de apresentar as versões de Edgar

Allan Poe e Machado de Assis. Por fim, a terceira parte traz a análise comparativa entre as versões geradas por IA (*ChatGPT* e Bing) e as traduções humanas consagradas, como Fernando Pessoa e Machado de Assis, buscando identificar as lacunas interpretativas e avaliar a capacidade da tecnologia em emular a sonoridade do texto de origem.

## 2. A FUNÇÃO POÉTICA E O LIMITE ALGORÍTMICO: O CASO DE THE RAVEN

A eficácia de ferramentas como o Google Tradutor ou modelos de linguagem como o *ChatGPT* na versão *ChatGPT-5.5* em textos informativos é inegável, fruto de uma base estatística que prioriza padrões de equivalência semântica. Contudo, ao transpor essa tecnologia para o terreno literário, esbarra-se na função poética da linguagem. Roman Jakobson em *Linguística e Comunicação* a define de forma técnica ao afirmar que "A função poética projeta o princípio da equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação" (2013, p. 130)[1].

Na prática, isso significa que na poesia a escolha de uma palavra não se dá apenas pelo seu sentido, mas pela sua capacidade de criar padrões de som e ritmo com as palavras adjacentes. Durante o tempo em que a IA faz um bom trabalho na função referencial, capturando o sentido literal de *The Raven* (1845), ela falha na transposição dessa "equação" estética. Para Poe, *"raven"* não é apenas um substantivo que denota uma ave; é um elemento de percussão sonora escolhido para ressoar com o termo *"Nevermore"*. Como o próprio autor detalha em *The Philosophy of Composition* (1846), a escolha do vocábulo *"Nevermore"* e do próprio corvo foi uma decisão técnica baseada na fonética da vogal longa /o/[2] e da consoante /r/, visando a unidade de efeito. É nesse ponto que os limites da arquitetura probabilística da máquina se manifestam: otimizada para a equivalência semântica, ela traduz o significado referencial, mas deixa em segundo plano a "equação" sonora que sustenta a função poética, a menos que seja explicitamente orientada a preservá-la via *prompting*. Nessa mesma obra, em sua versão traduzida, Poe esclarece:

> Escolhi "O Corvo" por ser minha obra mais conhecida. Minha intenção é tornar evidente que nenhum ponto de sua composição se deve ao acaso ou

[1] Embora a função poética possa estar presente em diversos gêneros discursivos, como na publicidade, Jakobson (1975) argumenta que na obra literária ela assume o papel de função dominante, orientando a mensagem para si mesma.

[2] Poe discute detalhadamente em seu ensaio que a escolha da palavra "*Nevermore*" foi motivada pela sonoridade da vogal "o" (a mais sonora) em combinação com a consoante "r" (a mais produzível), visando um tom de melancolia infinita.

> à intuição, que o trabalho avançou, passo a passo, até sua conclusão, com a precisão e o rigor lógico de um problema matemático. (Poe, 2019, p. 59 - 60).

Nesta lógica, a escolha do refrão único (*"Nevermore"*) não foi por acaso, mas sim maximizar o impacto emocional e sonoro. Uma versão automática, como a do Google, tipicamente produz algo como "Enquanto eu ponderava, fraco e cansado", semanticamente correto, mas sem o peso rítmico que imita o bater de asas ou o coração aflito do narrador.

Essa limitação técnica das ferramentas de operação tradutória automática reside na natureza do seu treinamento: algoritmos de *Deep Learning*[3] operam sob uma lógica de previsibilidade e frequência. Ao se deparar com a estrutura de *"The Raven"*, a inteligência artificial prioriza a norma gramatical e a fluidez sintática da língua de chegada (o português), sacrificando a "violência" que a forma poética exerce sobre a língua. À medida que Poe busca o estranhamento e a hipnose rítmica através da aliteração e da rima interna, a tradução maquínica tende à neutralização. O resultado é um texto que informa o que acontece na narrativa do poema, mas que falha em reproduzir a atmosfera de melancolia que, para o autor, é o mais legítimo de todos os tons poéticos.

Além disso, a recriação de poesia exige o que se pode chamar de "leitura sensível", algo que ultrapassa a decodificação de dados. Um tradutor humano, ao enfrentar o desafio de *"Nevermore"*, precisa decidir se mantém a sonoridade original, preservando o fonema gutural que lembra o som do corvo, ou se busca um equivalente semântico que possua o mesmo peso simbólico em português. A máquina, por não possuir consciência estética ou repertório emocional, não consegue realizar essa "negociação" cultural. Ela não compreende que, em Poe, a forma não é um invólucro para o conteúdo, mas sim o próprio conteúdo.

A problemática se intensifica quando observamos a incapacidade da IA em lidar com a ambiguidade deliberada. Na obra de Poe, as palavras são frequentemente carregadas de duplos sentidos que alimentam o suspense psicológico. Os algoritmos de processamento de linguagem natural (PLN) que buscam a "probabilidade mais alta" de transposição acabam por eliminar as nuances e os subtextos que permitem diferentes interpretações pelo leitor. A precisão matemática que Poe menciona em seu ensaio não é uma precisão de dicionário, mas uma precisão de engenharia

[3] O *Deep Learning*, no contexto da tradução automática neural (NMT), baseia-se em redes neurais artificiais que aprendem padrões linguísticos a partir de vastos corpora, priorizando a fluidez estatística em detrimento de nuances estilísticas específicas de autor.

emocional, onde cada fonema é uma peça de um mecanismo voltado para causar um efeito único na alma do receptor, algo que a lógica binária ainda não é capaz de emular.

Portanto, ao confrontar a tradução algorítmica com as versões consagradas de Machado de Assis e Fernando Pessoa, percebe-se que o diferencial humano reside justamente na capacidade de "recriar" a obra. Ao passo que a máquina traduz palavras, o poeta traduz a experiência estética. Machado e Pessoa, cada um a seu modo, não apenas transportaram o sentido de *"The Raven"*, mas operaram sobre o eixo da combinação para encontrar soluções que respeitassem a função poética jakobsoniana[4]. Essa conexão entre a técnica rigorosa de Poe e a sensibilidade dos tradutores literários reafirma que, enquanto a tecnologia atua de forma eficaz na tradução referencial, a poesia evidencia os limites do cálculo estatístico frente à subjetividade humana. Essa distinção entre processamento computacional e criação artística indica o motivo pelo qual os sistemas automatizados encontram restrições para capturar a essência literária, evidenciando a limitação fundamental das redes neurais[5], como bem discute Umberto Eco em *Quase A Mesma Coisa* (2007): é sempre como a difícil tarefa do tradutor não é “dizer a mesma coisa em outra língua, mas dizer quase a mesma coisa”, uma negociação entre perdas e ganhos intencionais. (2007, p. 174).

Um tradutor humano, experiente em Poe, pode sacrificar o sentido literal de uma estrofe, por exemplo, quando se opta por uma rima interna em português que ecoe o *"nevermore"* com algo como "nunca mais", como faz Machado de Assis em suas adaptações poéticas, para preservar a métrica trocaica[6] e a atmosfera gótica. A IA, por outro lado, otimiza para a equivalência probabilística mais alta, via *transformers* como o *BERT* ou *GPT*[7], resultando na redução de elementos estéticos em prol da literalidade prosaica.

---

[4] Conceito estabelecido por Roman Jakobson em *Linguística e Poética*. Refere-se ao foco da mensagem em si mesma, onde o texto não apenas comunica um conteúdo, mas destaca sua própria forma, sonoridade e ritmo através da projeção do princípio da equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação.

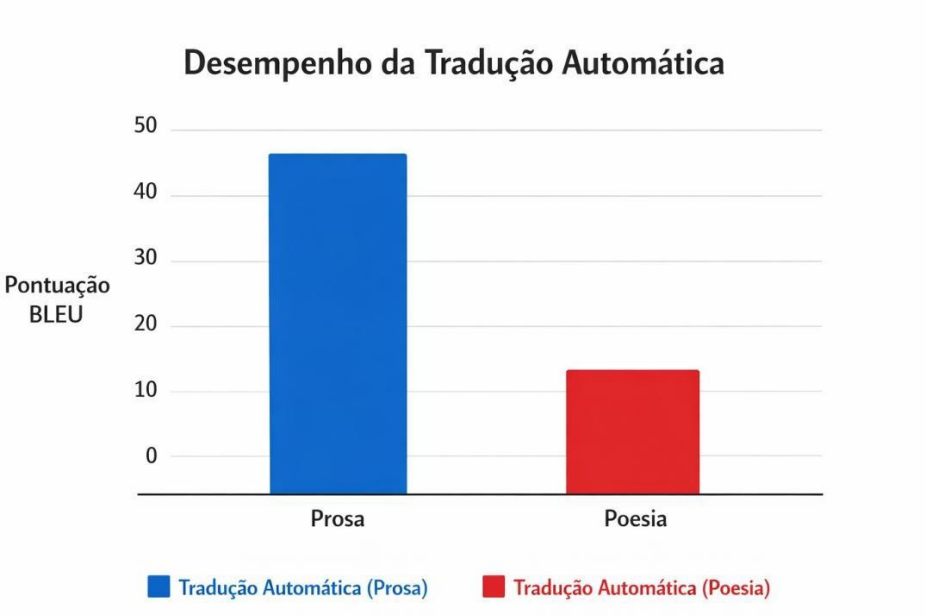
[5] Modelos computacionais inspirados na estrutura biológica do cérebro humano, compostos por camadas de "neurônios" artificiais que processam dados complexos. Na tradução, são utilizadas para identificar padrões linguísticos e contextos semânticos a partir de grandes volumes de texto.

[6] O troqueu é um pé métrico composto por duas sílabas: uma longa (tônica) seguida de uma breve (átona). No ritmo da fala, ele cria uma cadência "forte-fraca", assemelhando-se ao bater de um coração ou a uma marcha rítmica, elemento fundamental para o efeito hipnótico em *The Raven*.

[7] *Transformers* são arquiteturas de aprendizado profundo baseadas no mecanismo de "atenção", que permite ao modelo processar palavras em relação a todas as outras em uma frase, em vez de apenas em ordem sequencial. O BERT (*Bidirectional Encoder Representations from Transformers*) foca na

Estudos recentes, como os apresentados por Koehn *et al* (2020) na *WMT Conference*[8], mostram que a qualidade dos dados impacta diretamente o desempenho de sistemas de tradução automática. Em contextos mais complexos, como a linguagem poética, marcada por ambiguidade e estilização, observa-se uma queda significativa nos resultados de métricas como BLEU[9], em comparação com textos em prosa. Essa diferença de desempenho pode ser observada de forma mais clara no gráfico a seguir:

**Figura 1 -** Comparação do desempenho da tradução automática entre textos em prosa e poesia, com base na métrica BLEU.




**Fonte**: Adaptado de Voigt e Bojar (2020).

De acordo com Caseli (2024), em sua edição revisada sobre Processamento de Linguagem Natural, mesmo as inteligências artificiais mais sofisticadas enfrentam limitações significativas na tradução automática de textos que demandam uma compreensão profunda do contexto real e das nuances afetivas. Essa observação

compreensão do contexto, enquanto o GPT (*Generative Pre-trained Transformer*) é especializado na geração de texto.

[8] A *Conference on Machine Translation* (WMT) é o principal fórum acadêmico anual dedicado ao avanço da tradução automática. Organizado pela *Association for Computational Linguistics* (ACL), o evento é conhecido por realizar os *"Shared Tasks"*, competições globais onde pesquisadores e empresas submetem seus algoritmos para serem avaliados tanto por métricas automáticas (como BLEU) quanto por avaliadores humanos.

[9] O *Bilingual Evaluation Understudy* (BLEU) é um algoritmo utilizado para avaliar a qualidade de um texto traduzido por máquina. A pontuação é calculada comparando a tradução automática com traduções humanas de referência; quanto mais próxima da versão humana, maior a pontuação (de 0 a 1).

reforça a perspectiva seminal de Walter Benjamin em seu ensaio clássico, ao afirmar que:

> Não será então aquilo que para além da comunicação existe numa poesia [...] o que geralmente se cognomina de inapreensível, misterioso e "poético"? Ou seja, aquilo que o tradutor só consegue transmitir na medida em que também ele escreva poesia? (Benjamin, 2009, p. 25).

Ao reduzir o texto a meros padrões numéricos, o sistema produz uma versão desprovida de recursos estilísticos e expressividade poética: no caso de "*The Raven*", de Edgar Allan Poe, a narrativa factual é preservada, mas dissipam-se o impacto afetivo e a cadência hipnótica concebida para evocar o terror.

A transposição automática do poema para o português, nesse contexto, assemelha-se a um mapa que delineia o território, mas não proporciona a experiência da jornada propriamente dita. Ela desconsidera a sensibilidade emocional inerente à obra de arte, revelando que a tradução autêntica constitui um ato de revitalização essencial da criação original. Diferentemente, os algoritmos meramente replicam estruturas padronizadas; já a tradução poética requer uma sensibilidade capaz de captar a densidade atmosférica e os efeitos de engajamento psicológico da obra, elementos que as máquinas, até o momento, apenas simulam.

Essa disparidade entre tradução humana e automatizada fica ainda mais patente ao se examinar a excelência tradutória da obra. Para Benjamin (2009), a viabilidade da tradução não reside no público receptor, mas em uma lei imanente ao texto original, que clama por sua "sobrevida" em outras línguas. As limitações destacadas por Caseli (2024), relativas à incapacidade dos sistemas automatizados de apreender o mundo real, alinham-se à crítica benjaminiana de que a máquina se restringe a uma "transmissão imprecisa e deficiente de um conteúdo periférico", negligenciando o cerne vital do poema: a intencionalidade que transcende o mero conteúdo informativo.

No âmbito específico de Edgar Allan Poe, o processo tradutório impõe uma fidelidade que a rigidez sintática das inteligências artificias frequentemente compromete. Benjamin (2009) postula que a tradução genuína não busca mera equivalência semântica ao original, mas uma "afinidade" com o modo de intenção do autor. Ao mesmo tempo que os modelos de Processamento de Linguagem Natural decompõem o texto em unidades fragmentadas, o ofício do tradutor evoca a recomposição de "fragmentos de um vaso", na qual os elementos da língua-alvo

devem se moldar à forma da língua-fonte, desvelando uma linguagem mais pura e abrangente.

Assim, o emprego da TA na tradução de *"The Raven"* revela-se mero ponto de partida, uma vez que lhe falta a potência para assegurar a sobrevida das palavras, Benjamin (2009) sustenta que no processo de conversão linguística elevado mérito não se limita a equações interlinguísticas, mas configura um ato que compreende o dinamismo e a profundidade histórica da linguagem. Ausente a subjetividade necessária para atingir o domínio do inapreensível, o produto das mentes automáticas carece da ressonância sonora e do vigor emocional que capacitam o poema de Poe a prosseguir sua trajetória nos arquivos da língua portuguesa, preservando a integridade devida ao original.

Em última análise, a tradução automática opera na superfície da comunicação, quando a obra de Poe exige um mergulho na “pura linguagem”. Ao desconsiderar a arquitetura matemática que sustenta a melancolia do poema, a máquina entrega o conteúdo, mas deixa escapar a unidade estética da forma. Torna-se imperativo, portanto, dissecar os elementos estruturais que a tecnologia não consegue emular plenamente, voltando o olhar para a engrenagem rítmica que define a imortalidade de *The Raven*.

## 3. ISOCRONIAS EM CONFLITO: OS LIMITES FONÉTICOS E RÍTMICOS NA TRADUÇÃO DE POE

Se a subjetividade humana é o que garante a “sobrevida” da obra, é na precisão técnica da métrica e do ritmo que essa vida se manifesta fisicamente. O fenômeno da isocronia, que rege a regularidade temporal e a distribuição rítmica dos acentos na linguagem, assume papel central nesse processo e Edgar Allan Poe, em *The Philosophy of Composition* (1846), foi categórico ao afirmar que nenhum detalhe de sua obra foi fruto do acaso; cada acento tônico e cada rima interna foram calculados para gerar um efeito psicológico específico. Este capítulo analisa como é difícil traduzir o troqueu octossílabo para o português, como o ritmo e o tamanho das palavras nas duas línguas são muito diferentes, fazendo com que tanto o tradutor humano quanto a máquina enfrentem desafios que vão muito além do significado das palavras.

Ao analisar Poe como o arquiteto do som, percebe-se que o octâmetro troqueu não é apenas uma moldura, mas o próprio motor da melancolia. A dificuldade reside no fato de que o português é uma língua predominantemente paroxítona e polissilábica, o que colide com a concisão monossilábica do inglês do autor. Assim, o

tradutor enfrenta o dilema de Benjamin[10]: ser fiel à “forma” (o som que hipnotiza) ou ao “conteúdo” (a narrativa do luto), sabendo que, em Poe, a forma é o conteúdo.

Para sistematizar essas disparidades estruturais que desafiam a prática tradutória, o Quadro 1 apresenta um comparativo entre as escolhas arquitetônicas de Edgar e os obstáculos linguísticos encontrados na língua portuguesa:

**Quadro 1 —** Desafios técnicos da transposição métrica em *The Raven*

| ELEMENTO EM POE | CARACTERÍSTICA TÉCNICA | IMPACTO/DESAFIO NO PORTUGUÊS |
|---|---|---|
| Pé Troqueu | Ritmo Forte-fraco | Conflito com a tendência iâmbica (fraca-Forte) do português. |
| Octâmetro | Extensão de 16 sílabas poéticas | Dilatação do verso, que pode comprometer a fluidez e a pressa do original. |
| Rima Interna | Repetições no meio do verso | Exigência de vocabulário específico para não gerar redundâncias semânticas. |
| Monossílabos | Concisão e rapidez rítmica | O português, polissilábico, tende a tornar-se o verso mais lento e denso. |

**Fonte:** Elaborada pela autora (2026).

É indispensável apresentar uma nota terminológica quanto à nomenclatura métrica utilizada. Embora se mencione a estrutura do troqueu, deve-se distinguir o octossílabo (tradicionalmente o verso de oito sílabas na literatura luso-brasileira) do octâmetro troqueu empregado na obra. Enquanto o primeiro é uma medida de extensão média, o verso original de *The Raven* é composto por oito pés troqueus, totalizando dezesseis sílabas poéticas.

Esta distinção é um dos pontos centrais nas estratégias tradutórias: enquanto em que alguns tradutores optam por manter a extensão longa (dezesseis sílabas) para preservar o fôlego narrativo e a solenidade do original, outros buscam a adaptação para versos mais curtos, como o próprio octossílabo ou o decassílabo, visando uma fluidez mais natural ao sistema rítmico do português. No presente capítulo, a análise focará em como essa escolha entre a manutenção da extensão ou a sua redução impacta o efeito psicológico e a "sobrevida" da obra mencionada anteriormente.

Ao mergulhar na arquitetura de *The Raven*, percebe-se que a estrutura métrica não é meramente ornamental, mas parte de um cálculo deliberado. Em sua análise

[10] Refere-se à tensão discutida por Walter Benjamin em *A Tarefa do Tradutor*, onde se debate a fidelidade à forma linguística versus a transmissão do conteúdo semântico, buscando a ”língua pura”.

sobre a gênese do seu poema, esclarece seu método: "Já eu prefiro começar refletindo sobre um efeito" (Poe, 2019, p. 58). Para o autor, a escolha da métrica e do tom não sucede o enredo; pelo contrário, são as ferramentas fundamentais selecionadas para construir a combinação de incidente e tom que melhor despertará a resposta emocional pretendida no leitor. Entretanto, ao transpor essa precisão matemática para o português, a rigidez do octâmetro trocaico original esbarra na natureza das línguas românicas.

Ao passo que o inglês permite uma aglomeração de monossílabos tônicos que sustentam o vigor do verso de dezesseis sílabas, o português exige uma expansão silábica que frequentemente compromete a velocidade da leitura. Essa disparidade fundamenta-se em uma barreira fonética essencial: a distinção entre línguas de isocronia acentual (*stress-timed*) e línguas de isocronia silábica (*syllable-timed*).

O inglês, conforme a tipologia rítmica proposta por Pike (1945) e Abercrombie (1967), é classificado como uma língua *stress-timed* (de ritmo acentual), organizando seu ritmo em torno dos intervalos entre as sílabas tônicas. Com isso, as sílabas átonas são comprimidas para que o tempo entre as batidas fortes permaneça constante. É essa flexibilidade fonética que permite a Poe articular dezesseis sílabas em uma cadência longa sem que o verso soe pesado ou excessivamente longo aos ouvidos anglófonos. Em contrapartida, o português é uma língua *syllable-timed*, na qual cada sílaba, seja ela tônica ou átona, possui uma duração temporal relativamente similar.

O resultado direto dessa colisão rítmica na tradução é o fenômeno da dilatação do verso. Ao transpor os oito pés troqueus de Poe para o português, o tradutor depara-se com a densidade polissilábica da língua românica. O que no original é uma sucessão rápida e hipnótica de acentos, na tradução tende a se transformar em um verso de extensão visual e sonora exaustiva.

Diante desse impasse, a prática tradutória brasileira frequentemente se vê em uma encruzilhada técnica: manter as dezesseis sílabas e arriscar a perda da fluidez rítmica, ou sacrificar a métrica original em favor de formas mais curtas, como o octossílabo (oito sílabas) ou o decassílabo (dez sílabas). Essa redução, embora garanta a naturalidade do poema ao sistema luso-brasileiro, altera inevitavelmente a "matemática do efeito" defendida por Poe, uma vez que a velocidade com que a informação sonora atinge o leitor é drasticamente modificada. Assim, a barreira da tonicidade não é apenas um desafio linguístico, mas um filtro que redefine a experiência estética do luto e do fantástico presente na obra.

A complexidade desta transposição rítmica torna-se evidente ao compararmos a escansão do original com a de traduções consagradas. Enquanto Edgar sustenta uma sucessão de pés trocaicos com rigorosa precisão, apresentando ampla regularidade nos versos iniciais, tradutores como Machado de Assis viram-se compelidos a submeter a obra à prosódia portuguesa. Como observa a crítica especializada, Machado estabelece uma alternância para o ritmo iâmbico na transposição da obra de Poe para evitar a artificialidade. Essa escolha decorre do fato de que, enquanto o ritmo acentual do inglês assimila a cadência trocaica original como um elemento deliberadamente rígido, a métrica portuguesa opera sob leis fonológicas distintas, exigindo uma reestruturação rítmica para preservar o efeito estético sem resvalar na monotonia da fala natural. Este movimento de “aclimatação” rítmica revela que a fidelidade à métrica original muitas vezes exige um sacrifício da naturalidade sonora na língua de chegada, um dilema que se torna ainda mais agudo quando analisamos o processamento dessas estruturas por inteligências artificiais.

Para evidenciar a transição rítmica mencionada, recorre-se à análise de Britto (2019), que demonstra a regularidade trocaica encontrada na obra, em contraste com a solução iâmbica de Machado de Assis. Simultaneamente, no original, o acento recai na primeira sílaba do pé, ou seja, ritmo descendente (/ -), Machado opta pelo ritmo ascendente (- /), conforme ilustrado abaixo:

Translatio (transposição):

/ - / - / - / -

*Once up* | *on a* | *mid-night* | *drea-ry*

Imitatio (imitação):

- / - / - / - / -

*Em cer*|*to di*|*a, à ho*|*ra, à ho*|*ra*

A análise minuciosa da escansão de Machado revela uma escolha deliberada pela naturalidade em detrimento da mimese sonora. À medida que o verso de Poe inicia-se com um ataque forte (*On-ce*), projetando o leitor imediatamente para dentro da narrativa, Machado opta por uma anacruse, uma sílaba átona inicial (Em), que prepara o ouvido brasileiro para o decassílabo heroico. Essa aclimação iâmbica do Corvo no português brasileiro não é uma falha de compreensão do tradutor, mas um

reconhecimento de que o troqueu absoluto, se mantido em uma extensão de dezesseis sílabas, soaria como uma ladainha monótona ou uma marcha artificial, destruindo o “efeito psicológico” de angústia que Poe tanto prezava.

Em suma, o que a análise de Britto e a prática de Machado de Assis demonstram é que a tradução poética de excelência não é um processo de substituição, mas um ato de decisão humana subjetiva. O tradutor, imerso nas limitações e potências de sua língua, pesa a cada verso o que será perdido e o que será salvo em nome da unidade de efeito.

Diante dessa complexidade, onde a precisão técnica de Poe exige manobras de adaptação que desafiam a literalidade, resta questionar a eficácia dos modelos de tradução automatizada.

No capítulo seguinte, buscar-se-á investigar se um sistema algorítmico, operando sob a lógica da probabilidade estatística e da equivalência semântica, é capaz de realizar essas mesmas “manobras de salvamento” rítmico ou se a arquitetura sonora de *The Raven*, quando processada pela máquina, resulta em uma obra desprovida de sua integridade estética e rítmica. Desta forma, será estabelecido um confronto direto entre as versões consagradas analisadas até aqui e os resultados gerados por ferramentas de inteligência artificial.

## 4. O CONFRONTO ENTRE A RECRIAÇÃO HUMANA E A PREDIÇÃO ALGORÍTMICA

Se Machado de Assis optou por uma “recriação” que privilegiava a forma clássica luso-brasileira, e Fernando Pessoa buscou a mimese da sonoridade obsessiva de Poe, a Inteligência Artificial apresenta uma terceira via: a da tradução por predição. Ao confrontar estas duas autoridades literárias com o processamento algorítmico, investigar em que medida a poesia reside na escolha lexical correta ou na capacidade humana de sacrificar a literalidade em favor da experiência estética e emocional.

Para viabilizar esta investigação, a análise procederá por meio de uma amostragem comparativa, selecionando estrofes-chave onde a arquitetura sonora de Poe é mais exigente. O foco recairá sobre a transposição dos pés trocaicos e das rimas internas, elementos que distinguem as interpretações de Assis e Pessoa, e que

servem de parâmetro para avaliar os modelos de linguagem de grande escala (LLMs)[11] utilizados.

## 4.1. A ARQUITETURA DA PRIMEIRA ESTROFE

A primeira estrofe de *The Raven* funciona como uma verdadeira amostra da complexa engenharia poética de Poe. Nela, o autor estabelece o octâmetro trocaico, ritmo que mimetiza o estado hipnótico e cansado do narrador. Iniciar a análise por este trecho é fundamental para observar como cada tradutor lida com a tensão entre o rigor formal e a fluidez narrativa. Enquanto o tradutor humano busca uma compensação estética para manter a atmosfera, a máquina frequentemente prioriza a transferência de informações, sacrificando o que Poe chamava de “efeito“. A versão automatizada foi gerada a partir de um comando padrão (*prompt* padrão de tradução direta, sem direcionamento métrico explícito). Abaixo, apresenta-se o confronto direto entre o original, as versões consagradas de Machado de Assis e Fernando Pessoa, e a tradução gerada por Inteligência Artificial (GPT-4):

**Quadro 2 —** Primeira estrofe

| VERSÃO | TRECHO SELECIONADO | OBSERVAÇÃO TÉCNICA |
|---|---|---|
| Original (Poe) | *Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,* | Ritmo trocaico marcado e rima interna (*dreary / weary*). |
| M. de Assis | *Em certo dia, á hora, á hora / Da meia-noite que apavora,* | Transposição para o decassílabo. Foco na rima final, perdendo a rima interna. |
| F. Pessoa | *Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,* | Busca a mimese do som original. Cria uma cadência própria, musical. |
| IA (ChatGPT) | *Era uma vez, em uma meia-noite sombria, enquanto eu refletia, fraco e cansado,* | Tradução literal. Perda total da métrica e do ritmo galopante. |

**Fonte:** Elaborada pela autora (2026).

Ao analisar o quadro, nota-se que a Inteligência Artificial opera em um nível puramente denotativo. Quando traduziu *"Once upon a midnight dreary"* por *"Era uma vez uma meia-noite sombria"*, a ferramenta ignora que o comprimento dos versos de Poe é cuidadosamente calculado para gerar exaustão.

[11] LLM é a sigla para *Large Language Model* (Grande Modelo de Linguagem). Refere-se a um tipo de inteligência artificial treinada em vastos volumes de dados textuais para compreender, gerar e processar linguagem natural de forma contextual.

Em contrapartida, a versão de Fernando Pessoa demonstra o que se chama de "manobra de salvamento"[12]: ele percebe que não pode traduzir apenas as palavras, mas precisa traduzir o sentimento do ritmo. Embora não replique exatamente a rima interna original, ele utiliza a aliteração em "l" (lia, lento) para manter a melodia melancólica. Já Machado de Assis, embora sacrifique a estrutura rítmica de Poe ao adaptar o poema para o decassílabo, preserva a "dignidade" da obra ao inseri-la em uma forma poética que o leitor brasileiro da época reconheceria como refinada. Cumpre ressaltar que, enquanto os textos de Machado e Pessoa resultam de um profundo processo de maturação e revisão autoral, a versão computacional decorre de um estímulo único (*prompt* padrão), estabelecendo um contraste produtivo entre a lapidação artística humana e a agilidade probabilística do sistema.

A IA, por sua vez, resulta em uma obra desprovida de “impacto”, ela entrega um texto compreensível, mas sem a "batida cardíaca" (o trocaico) que define a obsessão do protagonista, ou seja, ela não traduz a sonoridade e sim calcula a probabilidade estatística da tradução mais comum, ignorando que, na poesia, o som é o sentido.

Ao confrontarmos o resultado da máquina com os princípios de Poe em seu ensaio *A Razão do Verso* (2019), percebe-se uma ironia central: por mais que o autor defenda que a versificação pertença, em grande parte, à matemática, a lógica algorítmica da Inteligência Artificial não é capaz de reproduzir essa exatidão rítmica. Isso ocorre porque a harmonia poética não se resume a uma alternância regular de palavras, mas exige uma construção melódica profunda. Sobre essa negligência técnica presente nos tratados de versificação, e que se manifesta hoje na operação dos modelos de linguagem, Poe afirma ainda em seu ensaio:

> Na construção do verso, nunca se deve perder de vista a melodia; contudo, é esse um ponto que todas as nossas Prosódias, inexplicavelmente, se abstiveram de discutir. Regras racionais quanto a esse tópico deveriam fazer parte de todos os sistemas de ritmo (Poe, 2019, p. 79).

Nesse sentido, a IA falha ao entregar versos melodiosos, ignorando a estrutura matemática do ritmo trocaico que sustenta a obra. Enquanto o processamento de linguagem natural executa a língua sob uma ótica estatística, ela se abstém de discutir

[12] Conceito que descreve a decisão do tradutor de sacrificar a precisão literal para salvar a experiência estética e rítmica do poema original, buscando equivalência de efeito emocional no leitor da língua de chegada.

a melodia, resultando em uma tradução que possui significado, mas carece do "coração" que define a poética de Edgar Allan Poe.

## 4.2. SONORIDADE VS. LITERALIDADE

Na prática, a ausência desse "coração" poético torna-se palpável quando se submete trechos específicos do poema à análise. Se, como afirma Poe em *O Princípio Poético* (2019*)*, a poesia é a "excitação que eleva", a tradução algorítmica falha justamente no componente rítmico dessa equação. O autor defende que o valor de um poema reside na sua capacidade de causar uma excitação na alma, algo que só é alcançado através de uma harmonia que a máquina, em sua limitação algorítmica linear, não consegue simular. Tal fala é apresentada no seguinte trecho:

> Escusado é observar que um poema só se faz merecedor do nome na medida em que nos excita, ao elevar-nos o espírito. O valor do poema é diretamente proporcional a essa excitação que eleva. Mas toda excitação, por necessidade psíquica, é passageira. (Poe, 2019, p. 139).

Para demonstrar, observa-se a tradução da segunda estrofe, onde a atmosfera de luto é construída não apenas pelo sentido das palavras, mas pela textura dos sons. O quadro a seguir confronta as escolhas de Machado de Assis e Fernando Pessoa com o processamento estatístico do modelo de linguagem Bing (Copilot):

**Quadro 3 —** Segunda estrofe

| VERSÃO | TRECHO SELECIONADO | ANÁLISE CRÍTICA |
|---|---|---|
| Original (Poe) | *Ah, distinctly I remember it was in the bleak December; / And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.* | Presença de rima interna (*remember/December*) e ritmo marcado. |
| M. de Assis | *Ah! bem me lembro! bem me lembro! / Era no glacial Dezembro;* | Uso da repetição e do termo "glacial" para manter a solenidade clássica. |
| F. Pessoa | *Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro / E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.* | Manutenção da rima interna (*lembro/dezembro/negro*) e escolha do verbo "urdir" para manter a carga metafórica. |
| IA (Bing) | *Ah, claramente eu me lembro, foi no desolado dezembro; / E cada brasa moribunda separada criava seu fantasma no chão.* | Prioridade na tradução literal. O segundo verso torna-se hipermétrico, quebrando a "matemática" do ritmo. |

**Fonte:** Elaborada pela autora (2026).

Ao analisarmos o verso traduzido pela IA do Bing, percebemos que a máquina não compreende a “excitação”. Ao optar por “claramente” (4 sílabas) para traduzir

*distinctly* (3 sílabas com acentuação distinta), a IA destrói a cadência trocaica logo no início, mais grave ainda é a perda da metáfora rítmica no segundo verso: enquanto Pessoa “urde” as sombras, a que mantém a melodia e a profundidade, a tradução automática entrega um verso longo e sem ritmo, provando que, sob a perspectiva algorítmica, o texto poético acaba processado primariamente a partir de suas correlações semânticas e distribuições probabilísticas de significado.

A musicalidade é essencial para o sentimento poético, sem ela, o que resta é apenas um relato em prosa, desprovido do "coração” que transforma palavras em arte. Esta incapacidade algorítmica de processar o sublime torna-se ainda mais evidente quando a narrativa poética avança para o seu clímax dramático. À medida que o narrador abandona a melancolia contemplativa e mergulha em um estado de paranoia e desespero, a estrutura rítmica do poema intensifica-se, exigindo do tradutor uma sensibilidade que ultrapassa o limite do puramente intelectual.

Dessa forma, o confronto final entre a tradução humana e a automação não se dá apenas na escolha das palavras, mas na capacidade de sustentar o efeito de "excitação da alma" sob pressão emocional. É no uso do refrão, emoldurado pela perda da sanidade, que a resistência da subjetividade humana se prova inalcançável para a estatística.

## 4.3. O REFRÃO COMO RESISTÊNCIA HUMANA VS. AUTOMAÇÃO

O refrão "*Nevermore*" não é uma constante matemática fria, mas o ponto vital para o enlouquecimento cadente do personagem. Para analisar como a TA lida com a progressão da loucura, é essencial a escolha da estrofe em que o protagonista, já incendiado pela presença da ave, implora por uma cura impossível. Este trecho é o ápice da "elevação" citada em *O Princípio Poético* (2019), pois exige que o tradutor equilibre a urgência das perguntas com a sonoridade fúnebre da resposta.

Para entender como essa tensão se traduz na prática, o quadro abaixo compara o trecho original com as versões de Machado de Assis, Fernando Pessoa e da Inteligência Artificial. O foco da análise está em como cada tradutor lidou com o ritmo das perguntas e com o desespero do personagem diante do refrão:

**Quadro 4 —** Refrão

| VERSÃO | TRECHO SELECIONADO (ESTROFE 15/16) | ANÁLISE CRÍTICA |
|---|---|---|
| | *“Prophet!” said I, “thing of evil! – prophet still, if bird or devil! – [...]* | A repetição de *"Prophet"*, *"tell me"* e o uso de traços marcam |

| | | |
|---|---|---|
| Original (Poe) | *tell me truly, I implore – Is there – is there balm in Gilead? – tell me – tell me I implore!" / Quoth the Raven, "Nevermore".* | a respiração ofegante e o ritmo acelerado. |
| M. de Assis | *Profeta, ou o que quer que sejas! / Ave ou demônio que negrejas! [...] Dize-me: existe acaso um balsamo no mundo? / E o corvo disse; Nunca mais.* | Machado opta por um tom mais cerimonioso e solene, trocando a geografia bíblica por uma angústia universal ("no mundo"). |
| F. Pessoa | *"Profeta", disse eu, "profeta – ou demônio ou ave preta! – [...] dize a esta alma a quem atrais / Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!" / Disse o Corvo, "Nunca mais".* | Pessoa reconstrói a obsessão sonora através da rima e mantém o "bálsamo", focando na música da dúvida. |
| IA (GPT-4) | *"Profeta!", disse eu, "coisa maligna! — profeta ainda, seja ave ou demônio! — [...] dize-me com verdade, eu te imploro — há, há bálsamo em Gileade? — dize-me, dize-me, eu te imploro!" / Disse o Corvo: "Nunca mais".* | Tradução literal que preserva a pontuação, mas falha na fluência. O ritmo é travado e a escolha de "coisa do mal" empobrece o vocativo, e a IA reconhece a referência intertextual (Gileade), mas a trata como equivalência léxica. Falha em captar que o termo funciona como um dispositivo de ironia trágica e ápice da angústia, e não apenas como uma localidade bíblica. |

**Fonte:** Elaborada pela autora (2026).

Ao analisarmos a tradução do clímax acima, a limitação da Inteligência Artificial manifesta-se não apenas na dimensão métrica, mas de forma estrutural, evidenciando as restrições intrínsecas da própria arquitetura do modelo. A tradução automatizada opera com uma vasta erudição de dados, porém, como Poe adverte em *A Razão do Verso*, o acúmulo de conhecimento técnico não garante a clareza da obra, destacando que "[...] a Verdade, em geral, como alguns minérios em particular, tende a ser mais rica quando é mais superficial; em terceiro lugar, a questão mais límpida pode ser turvada por um excesso de palavrório" (Poe, 2019, p. 76).

Ao optar pela literalidade de *"coisa do mal"* para traduzir *"thing of evil"*, a IA entrega justamente esse "palavrório" que turva a experiência estética. Ela falha em notar que o efeito emocional reside no frenesi rítmico da respiração do personagem. Em Poe, os traços e as repetições servem para mimetizar o fôlego curto de quem está à beira de um colapso; o *Machine Learning*, contudo, trata esses sinais como meros caracteres tipográficos, ignorando a instrução de performance melódica contida no verso, mais do que isso, a máquina falha ao processar a carga semântica de termos como "Bálsamo em Gileade". Quando o algoritmo identifica a alusão bíblica (Jeremias 8:22) como um dado enciclopédico, ele é incapaz de perceber que, no contexto do

poema, o bálsamo não é uma cura, mas um vetor de angústia, o símbolo da esperança impossível que o eu-lírico evoca apenas para ver esmagada pelo refrão.

Por outro lado, o "coração" e “excitação” da poética de Poe permanece, portanto, uma fronteira intransponível para a automação. A máquina pode identificar a referência bíblica a Gileade, mas é incapaz de emular o sentimento de transcendência que está presente no refrão. Para o algoritmo, "*Nevermore*" é um dado estatístico; para Machado e Pessoa, é a alma e vida presentes nos versos escritos com precisão e matematicamente selecionados por Edgar Allan Poe.

Dessa forma, os resultados observados nesta análise apontam para uma limitação que não é apenas técnica, mas de natureza existencial, enquanto a ontologia da tradução automatizada se restringe ao processamento de probabilidades e ao cálculo binário de léxicos, a ontologia da arte poética exige a intersubjetividade que, como sugerem Poe e Walter Benjamin, só o ser humano pode aportar, a máquina traduz o signo, mas falha em traduzir o eco da alma, ela opera no domínio da informação, por outro lado a poesia de Edgar Allan Poe habita o domínio da experiência. Assim, a distância entre o dado estatístico do algoritmo e a precisão matemática emocional de um tradutor humano revela-se como a fronteira definitiva onde a tecnologia encontra seu limite diante da subjetividade literária.

## 5. CONCLUSÃO

A investigação desenvolvida permitiu compreender o embate entre a precisão técnica da Inteligência Artificial (IA) e a subjetividade da tradução poética. Ao analisar *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, constatou-se que a tecnologia atual opera em uma camada puramente estatística, sendo incapaz de transpor a "unidade de efeito" que define a obra. Enquanto os algoritmos traduzem o significado das palavras, negligenciam a equação sonora e o ritmo que sustentam o poema.

Os resultados revelaram que ferramentas como o ChatGPT priorizam a norma gramatical em detrimento da métrica. Diferente de Machado de Assis e Fernando Pessoa, que realizaram "manobras de salvamento" para aclimatar o ritmo ao português, a IA produziu versões sem a cadência original. A literalidade das máquinas resultou em um texto informativo, onde a musicalidade foi sacrificada pela clareza. Assim, a hipótese inicial confirmou-se: a tradução automática encontra na poesia um limite intransponível, pois a falta de consciência estética impede a negociação cultural necessária para a sobrevida da obra.

A análise afirma que a tradução literária de excelência não é uma substituição de vocábulos, mas um ato de criação humana. A falha da máquina não é falta de dados, mas uma lacuna ontológica: o algoritmo preenche espaços com probabilidades, enquanto o tradutor humano compreende o silêncio, a angústia e o "sublime" que desafiam a lógica funcional. Ao reduzir o poema a sequências de dados (*tokens*), a tecnologia transforma o clamor de "*Nevermore"* em uma simples negativa gramatical.

Por fim, este trabalho contribui para os Estudos da Tradução ao sistematizar as barreiras entre o inglês e o português frente ao aprendizado de máquina. Como sugestão para estudos futuros, recomenda-se explorar modelos híbridos, onde a IA auxilie em levantamentos linguísticos, mas a curadoria rítmica permaneça humana. A preservação do ofício do tradutor é, em última instância, uma forma de salvaguardar a complexidade da experiência humana. No domínio do sublime, a substituição da sensibilidade humana pela frieza das redes neurais ocorrerá, como sentenciou o Corvo: nunca mais.

## REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, David. **Elements of General Phonetics**. Chicago, Aldine Pub. Co, 1967. Disponível em: https://archive.org/details/elementsofgenera0000aber/page/n5/mode/2up. Acesso em: 19 mar. 2026.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Tradução de Fernando Camacho. In: PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar (Org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

BRITTO, Paulo Henriques. **Um Raven e dois Corvos**. In: POE, Edgar Allan. O Corvo. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 44-45.

CASELI, Helena de Medeiros. Tradução Automática: estratégias e limitações. Domínios de Lingu@gem, Uberlândia, v. 11, n. 5, p. 1782–1796, 2017. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37389. Acesso em: 16 mar. 2026.

CASELI, H.M.; Nunes, M.G.V. (org.) **Processamento de Linguagem Natural: Conceitos, Técnicas e Aplicações em Português**. 2 ed. BPLN, 2024. Disponível em: https://brasileiraspln.com/livro-pln/2a-edicao. Acesso em: 18 mar. 2026.

ECO, Umberto. **Quase A Mesma Coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 130-168.

PIKE, Kenneth Lee. **The Intonation of American English**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945. Disponível em: https://archive.org/details/intonationofamer0000pike/page/n3/mode/2up. Acesso em: 19 mar. 2026.

POE, Edgar Allan. **O Corvo**. Edição bilíngue. Organização, posfácios e tradução dos ensaios de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

POE, Edgar Allan. **The raven**. New York Evening Mirror, 1845. Disponível em: https://www.eapoe.org/works/poems/ravenb.htm. Acesso em: 18 mar. 2026.

POE, Edgar Allan. **The Philosophy of Composition**. Poetry Foundation**,** 2009. Disponível em: https://www.poetryfoundation.org/articles/69390/the-philosophy-of-composition. Acesso em: 19 mar. 2026.

KOEHN, Philipp *et al*. **Proceedings of the Fifth Conference on Machine Translation: Conference on Machine Translation (WMT)**. Association for Computational Linguistics**,** 2020. Disponível em: https://aclanthology.org/2020.wmt-1.78/. Acesso em: 19 mar. 2026.